

Habitação e trabalho no semiárido mineiro: entre tradição e modernidade¹

Housing and work in the semi-arid region of Minas Gerais: between tradition and modernity

Neide Maria de Almeida Pinto

Docente no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais (MG), Brasil

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Docente no Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais (MG), Brasil

Miguel Azedo de Moraes

Graduando em Economia na Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais (MG), Brasil

Eduarda da Cruz Almeida

Graduanda em Economia na Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais (MG), Brasil

GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a realidade rural do semiárido mineiro, considerando condições habitacionais, padrões produtivos, serviços comunitários e infraestrutura, a fim de compreender os efeitos de um processo de modernização desigual e territorialmente diferenciado. O método baseia-se em pesquisa de campo realizada em 322 propriedades rurais, com amostragem estratificada por critérios geográficos e estatísticos, utilizando o Índice de Aridez, o IDESTA e indicadores locais de autocorrelação espacial (LISA). Foram selecionados cinco municípios representativos das diferentes ruralidades da região (Botumirim, Capitão Enéas, Jaíba, Jequitinhonha e Monte Formoso). Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados, abrangendo dimensões socioeconômicas, habitacionais, produtivas e de acesso a bens e serviços. Os resultados indicam que a agricultura permanece como eixo da reprodução social rural, articulada à pluriatividade como estratégia central de geração de renda. As transformações no espaço doméstico revelam uma urbanização gradual, sem ruptura com práticas tradicionais, como o uso do fogão a lenha e os quintais produtivos. Observam-se desigualdades no acesso a bens duráveis, transporte e tecnologias de informação, com maior aproximação aos padrões urbanos entre famílias pluriativas. Conclui-se que as ruralidades do semiárido mineiro são marcadas por arranjos híbridos, nos quais elementos tradicionais e referências urbanas coexistem, persistindo, contudo, limitações estruturais no acesso a saneamento, conectividade digital e infraestrutura pública, o que reforça a necessidade de políticas públicas territorialmente orientadas.

Palavras-chave: Ruralidades Híbridas, Modernização Desigual, Semiárido Mineiro, Pluriatividade, Condições Habitacionais.

Abstract: This article aims to analyze the rural reality of the semi-arid region of Minas Gerais, considering housing conditions, production patterns, community services, and infrastructure, in order to understand the effects of an unequal and territorially differentiated modernization process. The method is based on field research conducted on 322 rural properties, with stratified sampling using geographic and statistical criteria, employing the Aridity Index, the IDESTA, and local indicators of spatial autocorrelation (LISA). Five municipalities representative of the different rural characteristics of the region were selected (Botumirim, Capitão Enéas, Jaíba, Jequitinhonha, and Monte Formoso). Data were collected through structured questionnaires covering socioeconomic, housing, production, and access to goods and services dimensions. The results indicate that agriculture remains the axis of rural social reproduction, articulated with pluriactivity as a central income-generating strategy. Transformations in domestic space reveal a gradual urbanization, without a break with traditional practices, such as the use of wood-burning stoves and productive backyards. Inequalities are observed in access to durable goods, transportation, and

¹ Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG (processo RED-00155-21) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro (Processo N° 313049/2023-8).

information technologies, with a greater approximation to urban patterns among multi-active families. It is concluded that the rural areas of the Minas Gerais semi-arid region are marked by hybrid arrangements, in which traditional elements and urban references coexist. However, structural limitations persist in access to sanitation, digital connectivity, and public infrastructure, reinforcing the need for territorially oriented public policies..

Keywords: Hybrid Ruralities, Uneven Modernization, Semi-arid Region of Minas Gerais, Pluriactivity, Housing Conditions.

1. Introdução

A análise das transformações do espaço rural brasileiro insere-se no debate sobre a modernidade construída a partir de um modelo urbano-industrial que se projeta sobre o campo de forma desigual. Esse processo não ocorre de maneira homogênea, mas produz integrações seletivas ao capitalismo, configurando “ilhas de modernidade” em meio a extensas áreas de estagnação (Santos, 2000; Martins, 2012). Tais desigualdades articulam-se à formação econômica dependente e às relações históricas de poder que estruturam o território.

Em Minas Gerais, a concentração de renda evidencia o caráter contraditório da modernização: os 10% mais ricos concentram cerca de 38% da renda domiciliar per capita, enquanto, nas áreas rurais, 27% da população vivia em 2021 com menos de R\$ 400 per capita/mês (Jesus e Hoffmann, 2024). No semiárido mineiro, essas disparidades se intensificam, expressando uma “modernidade anômala” (Martins, 2012), marcada pela incorporação de elementos técnicos do progresso sem superação das estruturas sociais excludentes.

Composto por 209 municípios e mais de 3,5 milhões de habitantes, o semiárido mineiro apresenta baixos indicadores socioeconômicos, sobretudo nas regiões Norte, Jequitinhonha, Mucuri e Vale do Rio Doce, caracterizadas por baixa pluviosidade, solos pouco férteis, concentração fundiária e persistência da pobreza (Farias e Fiúza, 2024). Embora contribua significativamente para o PIB estadual, o desenvolvimento regional ocorre de forma desigual, tanto em relação ao restante do estado quanto entre seus próprios territórios.

Essas desigualdades expressam-se não apenas na renda e no acesso a serviços, mas também na materialidade das moradias e nos modos de vida. Conforme Lefebvre (2008) e Santos (2000), a urbanização difunde sistemas de objetos e valores urbanos no campo, reconfigurando práticas cotidianas e formas de habitar. A casa, entendida como artefato da cultura material, traduz tanto transformações técnicas quanto significados simbólicos associados à modernidade (Miller, 2013).

Sob essa perspectiva, os modos de morar refletem a relação estabelecida entre famílias e seus espaços domésticos, revelando a apropriação seletiva dos signos da modernidade e o entrelaçamento entre tradição e inovação (Bernard, 1995). As transformações habitacionais são

interpretadas, neste estudo, como expressões de uma modernização desigual, fragmentada e contraditória no território.

Dessa forma, o problema de pesquisa consiste em analisar como o processo de modernização das condições habitacionais e dos modos de vida se manifesta no semiárido mineiro, investigando de que modo tradição e modernidade coexistem e se reconfiguram na vida cotidiana das famílias rurais. Parte-se do pressuposto de que a apropriação de modelos urbanos depende do grau de urbanidade dos residentes do campo (Raposo, 1998).

A análise fundamenta-se em dados da rede de pesquisa FAPEMIG/RED-00155-21 e articula indicadores socioeconômicos às formas de morar e produzir das famílias agricultoras. Busca-se compreender como a modernidade periférica se materializa nos espaços domésticos, revelando permanências e transformações na produção do espaço rural.

2. Urbanização e transformações da casa rural

O espaço doméstico no meio rural brasileiro passou por transformações profundas ao longo da história, redefinindo seus significados e as experiências cotidianas. No período colonial, a casa rural das elites agrárias articulava funções produtivas, familiares e simbólicas, constituindo-se como núcleo de poder e sociabilidade, sustentado pela economia escravista e pela concentração fundiária (Freyre, 2003). A organização da moradia refletia hierarquias sociais, raciais e de gênero, evidenciando uma incorporação desigual de padrões de conforto, privacidade e distinção.

Em contraste, os modos de morar das populações rurais livres e pobres caracterizavam-se pela simplicidade construtiva, pela integração entre espaço doméstico e produtivo e pela baixa compartimentação (Algranti, 1998). Quintais, roças e anexos formavam um complexo doméstico voltado à reprodução da vida e à subsistência, fazendo da casa o principal eixo da sociabilidade. A mobilidade geográfica e a precariedade material, sobretudo entre ex-escravizados e trabalhadores itinerantes, imprimiram marcas duradouras nas formas de habitar, expressas em construções provisórias e na parcimônia de bens (Wissenbach, 1998).

Esses dois polos — a casa senhorial e a casa popular — expressam materialmente a estrutura desigual da sociedade brasileira. Enquanto a primeira simboliza estabilidade e poder, a segunda revela instabilidade, dependência e marginalização, tornando a arquitetura doméstica um espelho das contradições sociais do país.

A transição de uma economia de subsistência para uma economia capitalista, analisada por Cândido (2001), implicou a reconfiguração das relações sociais, das formas de trabalho e

dos projetos de vida das populações rurais. A penetração do capitalismo rompeu o equilíbrio baseado na autossuficiência e na reciprocidade comunitária, ampliando a dependência em relação ao mercado urbano. “Urbanizar o caipira” significou submeter seus modos de vida à lógica urbana, sem que isso implicasse, necessariamente, deslocamento físico para a cidade.

Com o avanço da urbanização e da industrialização, as fronteiras entre rural e urbano tornaram-se mais difusas. Para Lefebvre (2008) e Santos (1997), a urbanização constitui um processo social totalizante, que transforma tempos, espaços e representações. O tempo cíclico do trabalho agrícola cede lugar ao tempo linear da produção e do consumo, afetando a organização doméstica, as práticas cotidianas e os modos de morar.

No Brasil, esse processo ocorreu de forma desigual e seletiva. A incorporação do campo à lógica urbano-industrial produziu “ilhas de modernidade” em meio a amplas zonas de estagnação (Santos, 1997; Martins, 1994). A chamada “modernidade anômala” (Martins, 2012) combina a difusão de técnicas, bens e símbolos urbanos com a permanência de estruturas arcaicas, como o latifúndio e a desigualdade extrema.

Essas transformações manifestam-se também na materialidade da casa rural. A substituição de materiais tradicionais por insumos industrializados e a incorporação de padrões urbanos de conforto e estética reconfiguram a habitação como signo de distinção e aspiração social (Bourdieu, 2011; Brandão, 2018). A casa deixa de ser apenas unidade produtiva para expressar novas formas de pertencimento e status.

No semiárido mineiro, tais dinâmicas revelam-se de modo particularmente intenso. A modernização agrícola tem ampliado desigualdades, beneficiando setores integrados ao mercado e mantendo agricultores familiares em condições de vulnerabilidade (Hoffmann et al., 2020; Jesus e Hoffmann, 2024). A habitação torna-se, nesse contexto, um indicador das contradições da modernização: articula o desejo de modernidade material à persistência da precariedade estrutural.

Autores como Carneiro (2016; 2022) e Wanderley (2011) ressaltam que o rural não desaparece com a urbanização, mas se reconfigura como espaço híbrido, no qual tradição e modernidade coexistem. As populações rurais incorporam seletivamente inovações técnicas e estéticas, preservando valores associados à reciprocidade, ao trabalho e à centralidade da casa como lugar de memória e pertencimento. A materialidade da habitação rural expressa, assim, as tensões constitutivas da modernização periférica no campo brasileiro.

3. Metodologia

A pesquisa baseou-se no plano amostral do projeto *Agricultura do Semiárido Mineiro: agricultura familiar, inclusão produtiva e acesso a mercados* (FAPEMIG – RED-00155-21), adotando um desenho amostral com estratificação geográfica e estatística, de modo a assegurar a representatividade espacial e social da amostra.

Inicialmente, realizou-se uma análise espacial do Índice de Aridez e do IDESTA, complementada por indicadores locais de autocorrelação espacial (LISA), o que possibilitou a identificação de agrupamentos territoriais e a seleção de cinco municípios representativos do semiárido mineiro: Botumirim, Capitão Enéas, Jequitinhonha, Monte Formoso e Jaíba.

Em cada município, aplicou-se amostragem aleatória estratificada proporcional ao número de estabelecimentos da agricultura familiar ($N = 183.241$), considerando erro amostral de 5%. A amostra totalizou 322 entrevistas com famílias rurais, distribuídas entre os municípios selecionados, de modo a contemplar a diversidade territorial e os contrastes socioeconômicos da região.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários estruturados, abordando aspectos socioeconômicos, habitacionais, produtivos e de acesso a serviços. O tratamento dos dados combinou análise quantitativa (frequências, percentuais e cruzamentos estatísticos) e análise qualitativa, voltada à interpretação dos modos de vida e das estratégias de reprodução social das famílias

4. Infraestrutura e serviços no semiárido mineiro:

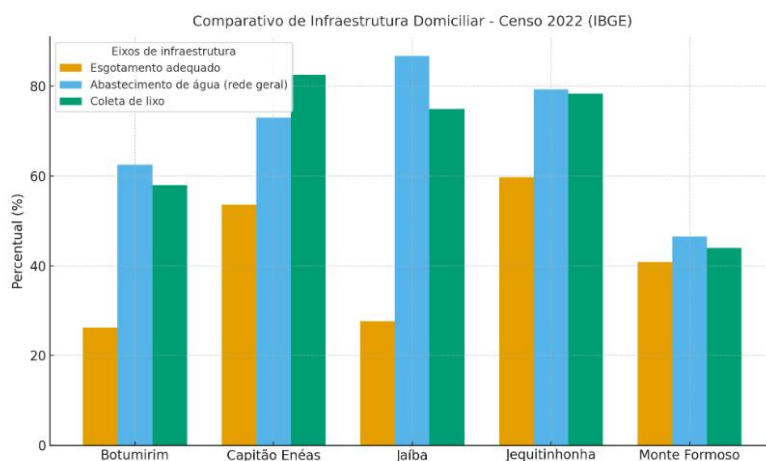
A análise da infraestrutura e dos serviços no semiárido mineiro evidencia a persistência de desigualdades estruturais, indicando que o avanço técnico-produtivo ocorre de forma espacialmente desigual e não se traduz, necessariamente, em integração social. Em consonância com Martins (2012) e Santos (1997), os resultados mostram que a modernização se manifesta de modo seletivo e contraditório, reproduzindo exclusões históricas.

Os indicadores socioeconômicos confirmam esse padrão: o semiárido mineiro apresenta IDH médio de 0,62, com 43% da população em extrema pobreza e 92% dos municípios com PIB per capita abaixo da média estadual. Além disso, 35% dos domicílios não dispõem de água tratada, 42% carecem de esgotamento sanitário adequado e 48% não possuem acesso à internet, revelando que a expansão das redes técnicas não assegura acesso universal aos serviços essenciais.

Entre os municípios analisados, Botumirim, Jequitinhonha e Monte Formoso figuram entre os de menor PIB per capita do estado, expressando fragilidade econômica e forte dependência da agricultura de subsistência. Jaíba, por sua vez, apresenta desempenho relativamente superior, associado aos investimentos do Projeto Jaíba e à irrigação, enquanto Capitão Enéas ocupa posição intermediária, beneficiada por sua localização próxima a Montes Claros e a eixos rodoviários.

Os dados do Censo 2022 (IBGE), Figura 01 abaixo reforçam essa assimetria: Capitão Enéas apresenta o melhor desempenho global — 73% dos domicílios ligados à rede geral de água, 53,6% com esgoto adequado e 82,6% com coleta regular de lixo — configurando um caso de integração mais consolidada às redes urbanas. Jequitinhonha também exibe bons índices (79,3% de abastecimento pela rede geral, 59,7% de esgotamento adequado e 78,3% de coleta de lixo), embora com desigualdades internas marcantes. Jaíba, beneficiada pela irrigação, destaca-se pelo acesso à água (86,8%), mas mantém baixo índice de saneamento (27,6%), com predominância de fossas rudimentares (60,8%), revelando um padrão de urbanização sem universalização do básico. Já Botumirim e Monte Formoso concentram os piores indicadores: no primeiro, apenas 26,3% dos domicílios têm esgoto adequado; no segundo, 44% contam com coleta regular de lixo, e a maioria ainda queima resíduos domésticos.

Figura 01: Comparativo de Infraestrutura Domiciliar dos municípios pesquisados:

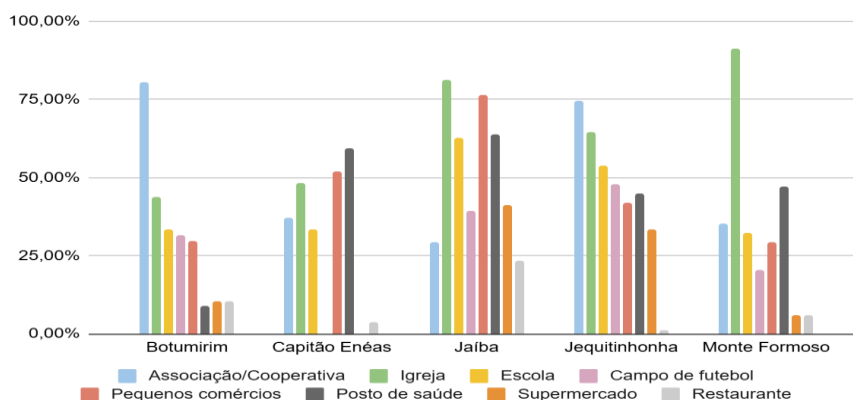


Fonte: Censo 2022, IBGE.

Essas disparidades indicam que os equipamentos urbanos e as redes de serviços penetram parcialmente no território, produzindo uma convivência entre elementos modernos e práticas tradicionais. A modernização, nesse contexto, não elimina a precariedade estrutural, mas redefine os modos de vida rurais de forma fragmentada.

A análise da oferta de serviços nas comunidades rurais revela perfis territoriais distintos. Jaíba apresenta maior diversidade de equipamentos e maior integração com dinâmicas urbanas; Capitão Enéas configura um padrão intermediário de urbanização seletiva; Botumirim e Jequitinhonha mantêm centralidade comunitária apoiada em associações e instituições religiosas, com baixa presença de serviços públicos modernos. Monte Formoso expressa a situação mais crítica, marcada por isolamento territorial, escassez de infraestrutura e forte dependência das redes religiosas (Figura 02).

Figura 02: Serviços predominantes nas comunidades rurais dos municípios estudados:



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

No conjunto, os municípios revelam um gradiente de integração territorial, que varia da ruralidade isolada à urbanização incipiente. As desigualdades observadas não se restringem à renda e à infraestrutura, mas também às formas de inserção produtiva e às estratégias de reprodução social das famílias rurais. A concentração dos investimentos em polos irrigados reforça a seletividade do desenvolvimento e reconfigura as sociabilidades locais, nas quais tradição e modernidade se sobrepõem e se reinterpretam nas práticas cotidianas.

5. Inserção produtiva e estratégias familiares no semiárido mineiro

A agricultura permanece como eixo estruturante da reprodução social no semiárido mineiro, concentrando 72% da mão de obra nas propriedades pesquisadas. Predominam atividades agrícolas voltadas ao autoconsumo e à venda de excedentes, associadas a uma racionalidade produtiva baseada no trabalho familiar. A agropecuária integrada (17,4%) e a pecuária isolada (7,5%) aparecem como formas limitadas de diversificação produtiva, desenvolvidas sob constrangimentos estruturais, como acesso desigual a crédito, infraestrutura e tecnologias, o que expressa o caráter seletivo da modernização regional (Santos, 1997).

A combinação entre agricultura e outras ocupações revela estratégias adaptativas das famílias diante da instabilidade econômica. Dos trabalhadores identificados, 65% dedicam-se integralmente às atividades agrícolas, enquanto 35% conciliam o trabalho no campo com ocupações externas, estudo ou atividades domésticas. Essa pluriatividade, característica das ruralidades contemporâneas (Abramovay, 2012; Brandão, 2018), permite manter a agricultura como referência identitária, ao mesmo tempo em que diversifica as fontes de renda.

A análise das ocupações externas indica a permanência do setor primário como principal campo de inserção, mas com crescimento relativo do setor de serviços e do emprego público, evidenciando maior articulação com redes urbanas. O Estado assume papel relevante como mediador da modernização, por meio de empregos em escolas, unidades de saúde e programas sociais, enquanto atividades de serviços domésticos e de apoio configuram formas mais precárias de inserção no mercado de trabalho. Esse conjunto delineia uma economia híbrida, situada entre o rural e o urbano.

As diferenças na inserção produtiva refletem-se diretamente na renda. As famílias exclusivamente agrícolas concentram-se nas faixas mais baixas: cerca de 60% vivem com até um salário mínimo per capita (Quadro 01). Entre as famílias pluriativas, observa-se maior diversificação de rendimentos e presença mais expressiva nas faixas superiores, com quase 30% recebendo acima de dois salários mínimos. A pluriatividade atua, assim, como mecanismo de resiliência econômica, reduzindo a vulnerabilidade associada à sazonalidade agrícola e ampliando a integração ao mercado urbano.

Quadro 01: Rendimento das Famílias por Faixa Salarial e Perfil Produtivo:

Faixa Salarial	Famílias Agrícolas (%)	Famílias Pluriativas (%)
Até 1 S.M.	59,66%	32,14%
Entre 1 e 2 S.M.	27,73%	36,90%
Entre 2 e 3 S.M.	7,56%	20,23%
Entre 3 e 4 S.M.	1,68%	9,52%
Entre 4 e 5 S.M.	0,08%	0,00%
Mais que 5 S.M.	2,50%	1,19%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

A permanência do trabalho familiar indica uma reconfiguração das formas tradicionais de produção diante da modernização. Fatores como idade, gênero e acesso a rendas sociais favorecem a continuidade do trabalho familiar, enquanto a mecanização e a escolaridade

ampliam a contratação de terceiros (Fiúza; Farias; Ferreira, 2025). A modernização, portanto, não elimina o familiar, mas o redefine, combinando valores camponeses e lógicas técnico-mercantis.

Esse processo resulta em um modo de vida marcado por ambivalências: entre o apego à terra e a busca por diversificação econômica; entre o valor moral do trabalho agrícola e a crescente dependência de rendas não agrícolas. O trabalho e a renda das famílias rurais expressam, assim, a modernização desigual do semiárido mineiro, na qual tradição e modernidade se entrelaçam nas estratégias de reprodução social e na organização da vida cotidiana.

6. A casa rural e a apropriação da modernidade

A modernização técnico-produtiva no meio rural não se expressa apenas nas formas de trabalho, mas também no espaço doméstico. A casa constitui o principal lugar de materialização da modernidade, articulando dimensões produtivas e reprodutivas, materiais e simbólicas, bem como permanências tradicionais e elementos urbanos. Nela se manifestam as formas concretas de apropriação do moderno, por meio das técnicas construtivas, dos equipamentos domésticos e das práticas cotidianas (Braga, Fiúza e Pinto, 2015). No semiárido mineiro, esse processo evidencia contradições entre avanço técnico e desigualdade social.

A nomeação das propriedades revela dimensões identitárias e de pertencimento social. Predomina a designação **sítio** (83,23%), associada à agricultura familiar, ao trabalho doméstico e à autonomia produtiva em pequenas propriedades. Em contraste, o termo **fazenda** (9,6%) remete a distinções fundiárias e de status, enquanto **assentamento** (1,2%) e **quilombo** (0,9%) indicam pertencimentos políticos e étnico-raciais específicos. A referência residual a **chácara** (0,3%) sugere usos híbridos, mais próximos da lógica urbana de lazer, refletindo a urbanização de áreas rurais.

A condição fundiária reforça esse padrão identitário: 93,8% das famílias residem em propriedades próprias, e 45,6% vivem nelas há mais de 20 anos, evidenciando forte enraizamento territorial. Outros 35,3% permanecem entre 10 e 20 anos no mesmo local, enquanto apenas 7,2% estão há menos de cinco anos. A terra assume, assim, caráter material e simbólico, funcionando como base da reprodução social e como “valor moral” (Woortmann, 1990).

Esse enraizamento convive com uma modernização seletiva. Embora 85,3% afirmem não desejar mudar de local, a permanência é atravessada por limitações estruturais, como a

escassez de trabalho e de serviços públicos. As famílias incorporam tecnologias, reformas habitacionais e bens de consumo sem romper com o referencial simbólico da terra e do sítio, configurando uma modernidade híbrida (Santos, 1997), na qual tradição e mudança coexistem.

Em síntese, a forma de nomear a propriedade, a posse da terra e o tempo de permanência revelam um padrão de forte enraizamento territorial no semiárido mineiro. A agricultura familiar, a propriedade própria e a estabilidade residencial constituem os principais eixos de pertencimento social. Esse enraizamento projeta-se sobre o espaço doméstico: a casa expressa, em sua materialidade, a articulação entre permanências camponesas e signos da modernidade urbana. A moradia configura-se, portanto, como mediação central da modernização, na qual o moderno é reinterpretado segundo a lógica camponesa e a tradição se reconfigura frente às novas condições técnicas e culturais.

6.1. Modernização construtiva das moradias rurais

A transformação das moradias no semiárido mineiro evidencia a difusão de padrões urbanos no espaço rural, expressa principalmente na substituição progressiva de materiais tradicionais (adobe e pau-a-pique) por tijolo, cimento e blocos. Esse processo revela uma modernização em curso, marcada pela coexistência entre técnicas tradicionais e materiais associados ao conforto e ao prestígio urbano.

Predominam casas com paredes de tijolo ou bloco com acabamento (58,7%), indicando avanço no padrão construtivo. Contudo, 27% apresentam materiais modernos sem acabamento ou combinados a técnicas tradicionais, configurando uma modernização parcial, enquanto 14,3% mantêm materiais tradicionais. Tal diferenciação reflete desigualdades socioeconômicas e disponibilidade desigual de recursos.

Nos pisos, observa-se maior equilíbrio entre padrões modernos (53,7%) e intermediários (39%), com persistência de pisos tradicionais (7,1%). A cerâmica destaca-se como material predominante, associada à durabilidade, facilidade de manutenção e adequação climática. A transição construtiva tende a seguir a sequência terra → cimento → cerâmica, ocorrendo de forma desigual no interior das casas, com priorização de cozinhas e banheiros.

Quanto aos telhados, verifica-se quase universalização de materiais modernos (89,7%), sobretudo telhas cerâmicas, coloniais e de barro. Materiais intermediários (zinco, amianto e Ethernit) representam 9,3%, enquanto coberturas tradicionais são residuais (0,9%). Esse padrão indica que a cobertura constitui a principal prioridade no processo de reforma, em função da proteção climática, durabilidade e valor simbólico.

A análise integrada de paredes, pisos e telhados demonstra que a modernização ocorre de modo fragmentado e incremental: primeiro o telhado, depois as paredes e, por fim, o piso. Esse percurso reflete a lógica da autoconstrução rural, baseada em reformas sucessivas conforme a disponibilidade de recursos.

Apesar da ampliação do uso de materiais modernos, persistem elementos tradicionais, sobretudo em paredes e pisos, revelando simultaneamente focos de vulnerabilidade e permanências culturais. Tais técnicas não devem ser interpretadas apenas como atraso, mas como expressão de saberes construtivos locais, muitas vezes adequados ao conforto térmico e à sustentabilidade.

Em síntese, a materialidade das casas rurais expressa uma modernização desigual e seletiva, configurando uma paisagem habitacional híbrida. O moderno não substitui integralmente o tradicional, mas o ressignifica, produzindo formas intermediárias de morar que articulam aspirações urbanas, limites econômicos e práticas culturais camponesas.

6.2. Espaço doméstico e hibridização rural-urbana

A organização do espaço doméstico no semiárido mineiro expressa a coexistência entre práticas tradicionais e a incorporação seletiva de padrões urbanos de moradia. Historicamente associada ao trabalho agrícola, a cozinha externa permanece em parte dos domicílios (14%), indicando a continuidade da separação simbólica entre espaços “produtivos” e “domésticos”. Contudo, a predominância de cozinhas internas (77%) e de banheiros integrados à casa (74%) revela a difusão de padrões urbanos de conforto e higiene.

Elementos como jardins (29%), garagens (17%), churrasqueiras (11%) e móveis planejados (4%) reforçam a valorização de formas de morar associadas à urbanidade, ainda que de modo minoritário. Paralelamente, persistem práticas produtivas no espaço doméstico: fogão à lenha (86%), quintais produtivos (82%), galinheiros (66%), hortas (50%) e pomares (48%) indicam que a moradia continua articulada à produção para autoconsumo e à reprodução social.

O cruzamento dos indicadores evidencia um padrão híbrido: a presença simultânea de cozinha e banheiro internos com fogão à lenha e quintais produtivos demonstra que não há ruptura entre tradição e modernidade, mas uma modernização seletiva. Esse processo é marcado por desigualdades, pois a urbanização do interior da casa avança mais rapidamente do que a infraestrutura pública de água e saneamento, ainda baseada em soluções descentralizadas, como fossas e cisternas.

Em síntese, o espaço doméstico materializa uma modernização gradual, desigual e fragmentada, na qual elementos urbanos se articulam a práticas rurais persistentes, configurando ruralidades contemporâneas híbridas.

6.3. Consumo doméstico e mobilidade rural

A difusão de eletrodomésticos no semiárido mineiro evidencia a incorporação seletiva de padrões urbanos de conforto. Equipamentos básicos apresentam ampla disseminação, como geladeira (91,6%) e fogão a gás (91,6%), enquanto bens de maior valor agregado — máquina de lavar (22%), freezer (22,7%) e micro-ondas (14,3%) — permanecem restritos a uma parcela menor das famílias. A coexistência entre fogão a gás (91,6%) e fogão a lenha (85,4%) expressa a sobreposição entre práticas modernas e tradicionais (Quadro 02).

As diferenças se intensificam segundo a inserção ocupacional. Famílias pluriativas apresentam maior acesso a bens duráveis de maior valor agregado, como micro-ondas, freezer e máquina de lavar, indicando maior integração aos padrões urbanos de consumo. Entre famílias exclusivamente agrícolas, predomina a posse de itens considerados essenciais, configurando uma modernização mínima e funcional.

Quadro 02: Acesso a eletrodomésticos segundo tipo de família (agrícola e pluriativa):

Eletrodomésticos	Famílias Pluriativas (n)	Famílias Pluriativas (%)	Famílias Agrícolas (n)	Famílias Agrícolas (%)
Air fryer	15	17,86%	31	13,03%
Antena parabólica	38	45,24%	94	39,50%
Aspirador de pó	1	1,19%	3	1,26%
Ferro elétrico	41	48,81%	113	47,48%
Fogão a gás	78	92,86%	217	91,18%
Fogão a lenha	74	88,10%	201	84,45%
Forno de micro-ondas	18	21,43%	28	11,76%
Freezer	25	29,76%	48	20,17%
Geladeira	76	90,48%	219	92,02%
Máquina de lavar roupas	27	32,14%	44	18,49%

Panela elétrica	7	8,33%	6	2,52%
Tanquinho	47	55,95%	153	64,29%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Padrão semelhante é observado na mobilidade. As famílias pluriativas apresentam taxas mais elevadas de posse de automóveis e motocicletas, ampliando sua autonomia espacial e integração a mercados externos à comunidade. Já as famílias agrícolas dependem mais de meios tradicionais, como cavalos e carroças, que aparecem entre os pluriativos de forma complementar, e não substitutiva (Quadro 03).

Quadro 03: Acesso a meios de transporte segundo tipo de família (agrícola e pluriativa):

Transporte	Famílias Pluriativas (n)	Famílias Pluriativas (%)	Famílias Agrícolas (n)	Famílias Agrícolas (%)
Automóvel de passeio	50	59,52%	83	34,87%
Bicicleta	35	41,67%	92	38,66%
Caminhão	1	1,19%	0	0,00%
Carroça	19	22,62%	24	10,08%
Cavalo	32	38,10%	58	24,37%
Charrete	6	7,14%	9	3,78%
Motocicleta	50	59,52%	107	44,96%
Trator	6	7,14%	10	4,20%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Esses resultados indicam que a modernização doméstica e a mobilidade rural ocorrem de modo estratificado, acompanhando a segmentação econômica e ocupacional das famílias. A incorporação do moderno é gradual e seletiva, resultando em um padrão híbrido, no qual práticas tradicionais coexistem com novos bens de consumo e formas de deslocamento.

6.4. Tecnologias da informação e sociabilidades rurais

A incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) reconfigura as sociabilidades no meio rural, sem eliminar práticas comunicacionais tradicionais. O celular é o

equipamento mais difundido (87,3%), seguido pela televisão (82,3%) e pelo rádio (52,1%), revelando a convivência entre temporalidades distintas: tecnologias digitais e meios tradicionais de comunicação.

A segmentação ocupacional exerce menor influência sobre o acesso às TICs do que sobre o consumo doméstico e a mobilidade. O celular apresenta presença praticamente universal em ambos os grupos, indicando que a inserção digital ocorre prioritariamente por meio de dispositivos móveis, mais acessíveis e compatíveis com as limitações de conectividade do semiárido. Já equipamentos de maior complexidade tecnológica, como computadores e notebooks, permanecem pouco disseminados, mesmo entre famílias pluriativas (Quadro 04).

Quadro 04: Acesso a TICs segundo tipo de família (agrícola e pluriativa):

TICs	Famílias Pluriativas (n)	Famílias Pluriativas (%)	Famílias Agrícolas (n)	Famílias Agrícolas (%)
Celular	73	86,90%	208	87,39%
Computador	7	8,33%	10	4,20%
Notebook	14	16,67%	10	4,20%
Outros	1	1,19%	0	0,00%
Rádio	39	46,43%	129	54,20%
Telefone Fixo	1	1,19%	5	2,10%
Televisão	64	76,19%	201	84,45%
TV por assinatura	15	17,86%	41	17,23%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Por outro lado, rádio e televisão mantêm maior penetração entre famílias agrícolas, sugerindo a persistência de repertórios comunicacionais baseados na oralidade, na informação local e na sociabilidade comunitária. A modernização digital, portanto, mostra-se incipiente e relativamente homogênea, limitada por restrições estruturais de infraestrutura e custo.

Em síntese, a incorporação das TICs configura uma modernização seletiva, marcada pela centralidade do celular e pela baixa difusão de tecnologias mais complexas. Esse padrão reforça a coexistência entre inovação e tradição, produzindo sociabilidades híbridas que articulam comunicação digital e práticas comunitárias no espaço rural.

7. Considerações finais

Os resultados evidenciam que a modernização no semiárido mineiro se processa de forma seletiva e desigual, combinando a incorporação de padrões urbanos de moradia e consumo com a persistência de precariedades estruturais, especialmente no acesso ao saneamento e à conectividade. Trata-se de uma modernização contraditória, na qual inovações técnicas coexistem com limitações sociais duráveis.

A pluriatividade emerge como fator central de diferenciação interna, associando-se a maior acesso a bens duráveis e a meios de transporte motorizados, enquanto as famílias exclusivamente agrícolas mantêm padrões de consumo mais básicos e maior dependência de formas tradicionais de mobilidade. Na habitação, a difusão de cozinhas e banheiros internos e de materiais industrializados não elimina práticas produtivas e construtivas tradicionais, configurando um espaço doméstico híbrido, no qual permanências camponesas e aspirações urbanas se articulam.

No campo das tecnologias da informação, observa-se uma inclusão digital restrita, concentrada no uso do telefone celular, com baixa incorporação de equipamentos mais complexos, evidenciando limites estruturais à conectividade qualificada. Em conjunto, os achados indicam que o semiárido mineiro se constitui como território em transformação, marcado por ruralidades híbridas e por uma modernização negociada no cotidiano.

Do ponto de vista das políticas públicas, os resultados apontam para a necessidade de ações territorialmente sensíveis, voltadas à ampliação do saneamento, da conectividade digital e das oportunidades econômicas, reconhecendo a coexistência entre práticas tradicionais e padrões urbanos. A redução das desigualdades territoriais depende, assim, da articulação entre avanço técnico e inclusão social efetiva.

8. Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

ALGRANTI, L. M. **Famílias e vida doméstica**. In: NOVAIS, F.; SOUZA, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83-154.

BERNARD, Yvonne. *Ménage et modes de vie*. In: ASCHER, François (Coord.). **Le Logement en Questions. L’habit dans les années quatre-vingt-dix: continuité e rupture**. Paris: Éditions de l’Aube, 1995. p. 13-39.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A. Padrões de consumo no campo: o modo de vida dos rurais brasileiros. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 4, p. 56-73, 2015.

BRANDÃO, C. F. **Transformações no campo: modernização, urbanização e políticas públicas**. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2001.

CARNEIRO, M. J.; PALM, J. L. Modo de vida de agricultores familiares de montanha: um estudo de caso de São Pedro da Serra, Nova Friburgo, R.J. **Revista Iluinuras**, v. 17, p. 180-202, 2016.

CARNEIRO, M. J.; PALM, J. L. Modos de vida e dinâmica da agricultura familiar de montanha: Nova Friburgo. In: Aquino, A.R.; Lopes Netto, A.; Assis, R.L. de.. (Org.). **Desenvolvimento sustentável em ambiente de montante: estratégias e experiências**. 2ed.Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2022, v. 1, p. 151-168.

FARIAS, E.; FIÚZA, A. L. C. Prosperidade social: uma análise dos municípios do semiárido mineiro. In: FIÚZA, A. L. C.; BRAGA, M. J. (Org.). **O rural no semiárido mineiro: desafios da inclusão econômica**. Viçosa: UFV-IPPDS, 2024.

FIÚZA, A. L. C.; FARIAS, E. S.; FERREIRA, R. A. Fatores explicativos da disponibilidade de mão de obra familiar e contratada nos estabelecimentos agropecuários dos municípios do Semiárido Mineiro. In: FIÚZA, A. L. C.; BRAGA, M. J. (Org.). **O rural no semiárido mineiro: desafios da inclusão econômica**. Viçosa: UFV-IPPDS, 2024.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

HOFFMANN, R.; BOTASSIO, D. C.; JESUS, J. G. de. **Distribuição de renda: medidas de desigualdade, pobreza, concentração, segregação e polarização**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

HOFFMANN, R.; JESUS, J. G. de. Desigualdade na agricultura brasileira: renda e posse da terra. In: CARVALHO, C. A. et al. **A economia agropecuária do Brasil: a grande transformação**. São Paulo: Baraúna, 2020.

JESUS, J.G.; HOFFMANN, R. Distribuição de Renda no Brasil e em Minas Gerais. IN: BRAGA, M. J. (Org.). **O rural no semiárido mineiro: desafios da inclusão econômica**. Viçosa: UFV-IPPDS, 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008 [1970].

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RAPOSO, Isabel. Apropriação dos modelos urbanos pelos grupos sociais rurais: a transformação da habitação em Alte. **Sociedade e Território**, 25, pp. 64-79.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WANDERLEY, M. N. B. A sociologia do mundo rural e as questões de sociedade no Brasil contemporâneo. **Ruris (Campinas)**, v. 4, p. 21-36, 2011.

WISSENBAACH, M. C. C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil – República: da Belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 49-130.